

## MALOCAS E PERIFERIA: a produção do Bairro Restinga

### *MALOCAS ET PERIPHERIE: la production du Quartier Restinga*

### *MALOCAS AND PERIPHERY: the production of Restinga Neighborhood*

Nola Patrícia Gamalho  
Mestre em Geografia pela UFRGS  
Rua Humberto de Campos, 221  
Bairro Rio Branco, Canoas, Rio Grande do Sul  
Cep: 92200160.  
Email: nolagamalho@yahoo.com.br

#### **Resumo**

O espaço é produzido na articulação entre a ordem distante (das instituições, do Estado) e a ordem próxima (as relações de vizinhança, a vida cotidiana) (LEFEBVRE, 2006) - são escritas que se sobrepõem umas às outras. A partir dessa lógica, o espaço Restinga, bairro localizado na zona sul de Porto Alegre-RS, é pensado. Primeiramente, é visto como criação do Estado, a partir da segregação da população das Vilas irregulares. É o pensamento tecnocrático que, através da força ou dos mecanismos de mercado - o espaço urbano como mercadoria -, determina o lugar das pessoas na cidade. E, em seguida, como espaço onde as pessoas alicerçam as suas vidas, produz estratégias, altera formas, constitui relações particulares no plano da proximidade. Dessa forma se dá a produção do bairro Restinga, assim como a produção de suas representações, que ora estigmatiza sujeitos, ora consolida vínculos afetivos com o bairro.

**Palavras-chave:** espaço, representações, bairro Restinga

#### **Résumé**

L'espace est produit dans l'interaction entre l'ordre distance (des institutions et de l'état) et l'ordre rapproche (les relations de voisinage, la vie quotidienne) (lefebvre, 2006). Ces espaces sont écrites que se superposent. C'est à partir de cette logique que l'espace Restinga est pensé. Situé au sud de Porto Alegre-RS, ce quartier est considéré comme une création de l'État, à partir de la segregation de la population des colonies de peuplement illégales. C'est la forme de pensée technocratique qui, par la force ou les mécanismes du marché - l'espace urbain comme marchandise, - détermine la position des sujets dans la cité. Puis, Restinga est pensé comme un espace où les gens vivent leur vie, produisent des stratégies, changent les formes, constituent des relations de proximité privées. Ainsi est faite la production de la circonscription Restinga, ainsi que la production de ses représentations, qui tantôt stigmatise les sujets, tantôt consolide des liens efficaces avec le quartier.

**Mots-clés:** espace, représentations, Quartier Restinga

### Abstract

The space is produced through the articulation between the state institutions (i.e. government) and the neighborhood relationships – normally they superimpose each other. From this logic, the space Restinga, a neighborhood in the south of Porto Alegre, RS, Brazil, is understood. First, it is seen as a creation of the State, from the segregation of the population from irregular villages. It is also a technocratic thought which, through the use of force or marketing devices – urban space as a commodity –, determines the individuals' place in the city. Second, as a space where people build their lives, making strategies, changing the forms and constitutes private relationships. Thus, Restinga neighborhood is produced, as well as the production of its representations, which stigmatizes the individuals and, on the other hand, consolidates emotional links with the neighborhood.

**Keywords:** space, social representations, Restinga, neighborhood.

### Introdução

Na fragmentação da cidade, há espaços aos quais são atribuídos os males da sociedade, identificados como produto e produtores de desordem e de caos; outros, da ordem e da modernidade. Essas características são reprojctadas nas pessoas que vivenciam esses espaços, ou seja, há indivíduos modernos e ordenados, e outros desajustados. Dessa forma, pode-se inferir que pessoas e espaços estão contidos uns nos outros, significando-se mutuamente. O bairro Restinga, localizado na zona sul (Fig. 1) da cidade de Porto Alegre, RS, se insere nessa problemática<sup>1</sup>. Sendo assim, ao identificar o bairro a partir de elementos que o depreciam, projetam-se os mesmos nos moradores<sup>2</sup>, que se reconhecem dentro das distinções espaciais da cidade. “E vão se encarnar em ti, porque tu mora na Restinga, porque tu é negrona” (Entrevista 6, em 14/02/2008).

---

<sup>1</sup> Esse texto é uma reflexão a partir de minha dissertação: A produção da periferia: das representações do espaço ao espaço de representação no bairro Restinga – Porto Alegre/RS, orientada pelo Prof. Doutor Álvaro Luiz Heidrich e defendida em maio de 2009, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

<sup>2</sup> Entre fev/2008 e out/2008, foram realizadas 41 entrevistas semi-diretivas (THIOLLENT, 1980). Foi um levantamento qualitativo, no qual o entrevistado iniciava a fala com sua história de vida ou a partir de fatos que suscitassem o diálogo. Buscou-se, a partir desse material, traçar uma compreensão das estruturas de significação e da produção do espaço na Restinga.

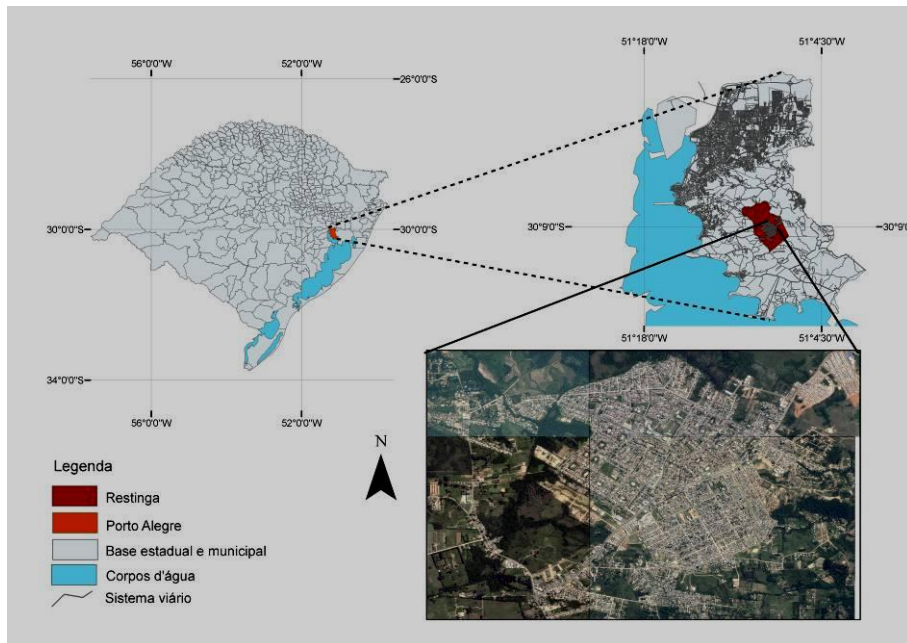


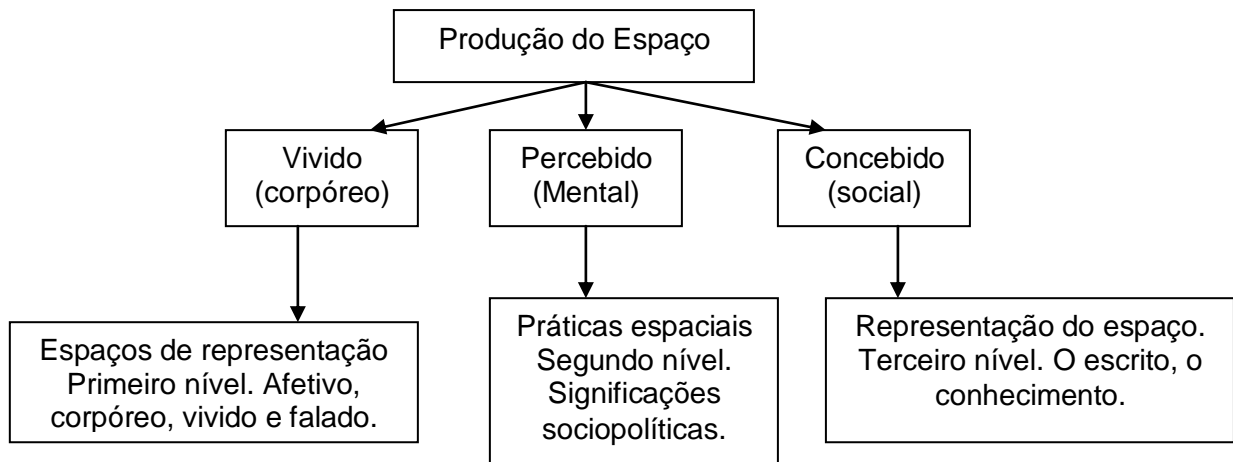
Figura 1: Localização da área de estudo

Fonte: a autora

O bairro está posto no imaginário da cidade como lugar de precariedades, ausências, pobreza e violência. Contudo, a realidade é outra, mais ampla, complexa e contraditória, envolvendo dramas humanos, gerando formas e conteúdos espaciais em uma intrincada relação da história de vida dos moradores e da produção do espaço. Delineia-se, portanto, a distância entre as representações do espaço e sua produção material, gerando conhecimentos diversos: alguns alicerçados no dia a dia dos moradores e outros vinculados ao imaginário da cidade. Ambos incidem na vida das pessoas, que de um lado se reconhecem dentro das distinções espaciais, internalizando como um *habitus* (BOURDIEU, 2007) a sua posição e, de outro, subvertem-na, reconstituindo sua valoração.

O entendimento da produção do espaço na Restinga parte da leitura de Lefebvre (2000) na tríade (Diag. 1) do espaço concebido (da visão dos planejadores, teóricos e o conhecimento generalizado no senso comum), vivido (corpóreo, afetivo, significado na própria história de vida) e percebido (das práticas socioespaciais). O concebido é associado à produção das representações do espaço, e o vivido, ao espaço de representação. Uma rua tem um traçado, uma racionalidade, é concebida, ao mesmo tempo em que é vivida, nos trajetos, nas relações espaciais.

**Diagrama 1- Tripé que explica a produção do espaço**



Fonte: CARDOSO, 2007.

O percurso que delineia o entendimento do bairro parte de um pensamento tecnocrático que ordena a cidade: o espaço concebido e a produção das representações do espaço. Em seguida, tem-se o espaço percebido e vivido nas trajetórias de aquisição da casa própria, nas relações de vizinhança e nas estratégias de sobrevivência: o espaço de representação. Contudo, são esferas que se cruzam, comunicam e influenciam; ou seja, no concebido há traços do vivido, e no vivido, traços do concebido.

As representações são atravessadas por contradições impregnadas de sentido, valores, sentimentos. Para o morador, o espaço é singularizado, como nas analogias que afirmam positivamente o bairro: “A Restinga é uma cachaça (...) a Restinga é diferente, é única.” (Entrevista 7, em 20/03/2008). É a imagem criada a partir da origem das remoções de malocas e das histórias de vida que constroem e consolidam os vínculos entre morador e lugar.

### **Malocas de Porto Alegre: a construção da periferia**

O bairro foi criado em meio a uma área rural, distante do centro administrativo e com ausência de infraestrutura, sendo concebido para as camadas de baixa renda da cidade, desde a parcela dos removidos até o segmento social que encontrou na Restinga a possibilidade de aquisição da casa própria. Dessa forma, a fragmentação espacial implica na fragmentação social e, nessa linha, o conceito de periferia aqui abordado



prioriza o viés social (DURHAM, 1985), vinculando a constituição espacial aos modos de vida e constituindo a identidade do morador da periferia.

Os mecanismos de distinção e de dominação nem sempre são explícitos, podendo estar ocultos em fatos banais, em preferências, na naturalização dos modos de vida e nas representações sociais. O conhecimento construído sobre fatos e coisas está impregnado de intencionalidades, como as representações da cidade. Todo sujeito produz interpretações, elabora ideias acerca do mundo que o rodeia. Ao mesmo tempo, recebe e age a partir de representações já postas. É esse viés que conduz as inquietações aqui expostas: a produção das representações do bairro Restinga, desde as elaboradas sobre o espaço e seus moradores até as elaboradas pelos próprios moradores.

As remoções das Vilas de Malocas, marco que originou a Restinga, foram legitimadas pela constituição de representações que remetiam as vilas e os seus moradores a desajustes sociais, morais e paisagísticos. Essas não estavam em conformidade com a Porto Alegre moderna e asséptica que se almejava. Medeiros (1951), enquanto contemporâneo desse processo, traz importantes elementos da produção das representações das vilas, abordando explícita ou implicitamente as malocas enquanto produtoras da desordem.

Em 1946 e especialmente em princípios de 1947 começou-se a observar o aparecimento de grupos mais ou menos numerosos de casebres em vários pontos da cidade. Sempre existiram centenas de casebres e mesmo grupos localizados em determinados lugares. Mas por esta época (46-47) o fato apresentou características novas. A construção em massa em lugares determinados – terrenos baldios, margem de estrada, logradouros públicos – apresentou um ritmo acelerado, a ponto de aparecerem da noite para o dia verdadeiras vilas, que os próprios habitantes apelidaram de ‘vila de malocas’ (MEDEIROS, 1951, p. 15).

Para a elite porto-alegrense e a administração municipal, as vilas eram um problema urbano; não harmonizavam com o ideal de modernidade e progresso e ocupavam setores estratégicos para o desenvolvimento da cidade. Contudo, constituíam o modo pelo qual um segmento social produzia a própria existência e o lugar. Todavia, a cidade passava por um processo de intensas transformações, e ao crescimento das vilas era atribuído o caráter de desorganizado, necessitando, portanto, de ordenamento. A pobreza tornava-se visível no modo de habitar, de ocupar a cidade; no entanto, era





percebida mais como um problema urbanístico do que social, assim como a solução do impasse: esconder as malocas e seus moradores.

O imaginário das malocas incorporava a ideia de contaminação, identificando o modo de vida dos ‘maloqueiros’ como patológico, noção recorrente nas representações da época, que exerceram o papel de mascarar a diferença social. A precariedade é manifesta nos documentos técnicos como algo intrínseco a essa população.

Nessa ‘malóca’, vivem sete pessoas: a mãe, cinco filhos e o amante de uma das filhas. Maior promiscuidade é impossível. T., que é a mãe, nasceu em Palmares, morou 20 anos em Osório, era casada, separou-se lá do marido para viver com outro, de quem teve os cinco filhos; veio há um ano para Porto Alegre, desde então está na ‘vila’. Os filhos têm as idades de 17, 15, 10, 8, 7, 4 anos; homem é só o de 7 anos. A primeira filha amasiou-se aos 16 anos com V., de 28 anos, natural de Osório e aqui há um ano; moram na aludida ‘malóca’; e a segunda aos quatorze anos passou a viver com um irmão de V., que aqui está também há um ano. Nesse ambiente vivem 4 crianças de 10 a 4 anos. Só o milagre impediria que estas criancinhas também não se pervertessem (...). E aquelas 125 crianças de 0 a 14 anos (...) vão adquirindo hábitos viciosos de toda sorte num meio vicinal e familiar onde apenas esporadicamente se cogita a existência das virtudes, mesmo aquelas básicas para o desenvolvimento pessoal e o bem estar social, e onde os exemplos e as condições materiais são as mais desfavoráveis à formação das novas gerações [sic] (MEDEIROS, 1951, p. 32-3).

Associada às políticas de urbanização, tem-se a limpeza social de setores da cidade, processo que corresponde à racionalidade presente na lógica de classe, ou, segundo Lefebvre (1999), à sócio-lógica ou ideo-lógica atuando na produção e na fragmentação do solo urbano. Simultaneamente, a maloca contaminava e era contaminada por atos desviantes, que passavam de geração a geração, dada a promiscuidade do meio. A dominação se expressa de forma concreta no acesso ao solo e, na forma subjetiva, nas estratégias que utilizam o universo simbólico para manter o controle do espaço, naturalizando suas hierarquias. Nesse sentido,

A cultura dominante contribui para a integração real da classe dominante (assegurando uma comunicação imediata entre todos os seus membros e distinguindo-os das outras classes); para a integração fictícia da sociedade no seu conjunto, portanto, à desmobilização (falsa consciência) das classes dominadas; para a legitimação da ordem estabelecida por meio do estabelecimento das distinções (hierarquias) e para a legitimação dessas distinções (BOURDIEU, 2007, p. 10).

As representações desses espaços foram imprescindíveis para aplicação das políticas de remoções. É a partir dessa conjuntura que o poder público deu início à substituição dessas habitações e à promoção de programas urbanísticos, como a ampliação da rede viária, produção de habitação destinada à classe média e demais reformas urbanas: surgia a tão esperada cidade moderna e sectária, pois negava à população das Vilas a suposta modernidade. A segregação aparece de forma velada ou explícita nos documentos – mídia local –, como pode ser observado no seguinte noticiário:

Um dia surgiu a avenida. Já existia, mas agora tornou-se a AVENIDA... Iluminação a mercúrio. Uma beleza. Mas iluminada demais, ressaltava a feiúra das malocas. Era preciso removê-las e rapidamente. Os caminhos surgiram. Ninguém sabia o que era a tal Restinga, para onde iriam todos compulsoriamente... Um passarinho informara que seria uma espécie de Vila Mapa... Um pouco aborrecidos, um pouco esperançosos, lá se foram eles... Quilômetros e quilômetros de estrada e ao final o deserto... (FAILLACE, Zero Hora, 18 maio. 1967, p. 12-3)

A remoção das malocas serviu ao interesse estratégico da especulação imobiliária, produzindo novos solos para a comercialização, alterando a paisagem a partir do ideário de desenvolvimento urbano. Esses processos de transformação destruíram e recriaram novas formas, com novas funções, e a Restinga constituiu uma das novas espacialidades da cidade. Sua constituição envolveu os planos do percebido, concebido e vivido, que ocorreram a partir de oposições e conflitos (entre os moradores das malocas e o poder público). Constitui a intencionalidade da ordem distante (LEFEBVRE, 2000) projetando-se no espaço, alterando a morfologia urbana e, conseqüentemente, as práticas socioespaciais. A criação da Restinga, em 1967, fez parte desse processo, envolvendo múltiplos planos e incidindo no lugar, alterando o espaço e as vidas.

De forma descontextualizada, as concepções vigentes enclausuravam os moradores das malocas na condição de inferioridade, e a política pública de remoção e urbanização atuaria no intuito de retirar a condição de “maloqueiro” desses sujeitos. Associavam-se à população e à problemática social os desvios que se materializavam na estratificação social, na forma de ocupação do solo, na inserção no mercado de trabalho (formal e informal) e na esfera cultural, a partir dos modos de vida.



A percepção dos espaços é efêmera e mutável, pois no movimento contínuo de escrita do urbano as áreas de remoções foram refuncionalizadas e agregadas à cidade formal e desenvolvida. Constituiu-se sob um conjunto de fatores materiais e simbólicos, que alteraram a representação do espaço, dado que o mesmo ocorre a partir das relações sociais, as quais foram violentamente alteradas. Para a população removida, fazia-se necessária a adequação mental e emocional à nova condição. Por fim, foi também de caráter social, pois novas estratégias se fizeram necessárias, assim como novos laços de vizinhança.

Revela-se, portanto, a falácia do lema do programa: “Remover para promover”, pois o eixo de desenvolvimento e geração de empregos predominava no centro administrativo que, devido a sua localização, torna-se de fácil acesso aos municípios da região metropolitana e em contato com as vias de ligação com o norte do país (BR 101) e com o sul do estado (BR 290). A zona sul do município de Porto Alegre, local de acolhimento da população removida, era predominantemente rural, assim como Viamão, município vizinho.

A Restinga foi, então, criada a partir dessas remoções, do “confinamento” dessas famílias em uma gleba rural. Iniciou apenas Restinga; novas alteridades foram constituídas no contínuo movimento de produção do espaço, envolvendo tanto a ordem distante, quanto a próxima. O bairro surgiu a partir da Velha Restinga, na produção do solo por remoções. Em seguida, o estado produziu habitações populares. O bairro seguiu crescendo, agregando outras áreas para assentamento de remoções, produção habitacional, loteamento irregular e ocupações, constituindo um espaço plural, cujo ponto em comum é o sentimento de pertencimento ao espaço Restinga.

A criação do bairro significou a emergência de uma situação que articulava elementos da espacialidade da conjuntura das vilas de malocas e da periferia. Junto com o morador veio a materialidade do estigma, a maloca, em que tanto a condição da habitação quanto a do sujeito, o maloqueiro, constituíam uma espécie de “herança”, material e simbólica, que se sobrepunha à nova condição. Oculta na ideologia da proposta de urbanização, havia sua contradição, que incluía e excluía os habitantes de Porto Alegre, definindo quem partilharia dos benefícios da cidade moderna.



Em “Restinga, uma ‘vila’ ao abandono” (FAILLACE, Zero Hora, 18 maio. 1967, p. 12-3), tem-se explícita a contradição entre o discurso modernizante e a realidade do bairro:

Restinga, a nova Ilhota

Vocês conhecem a Restinga? Quarenta minutos de jipe, quarenta centavos novos de ônibus... A Restinga não é uma vila, nem uma granja, nem um loteamento. Não é coisa alguma. Um deserto. Areia fina e seca, côm de cinza. Nem capim, nem árvores... capões de arbustos secos, também cinzentos, barbas de pau, plantas em agonia, uma sanga esverdeada de limo... Nem luz, nem água, nem comércio, nem hortas, nem indústria... nem trabalho. (...) A Restinga não tem coisa alguma. Isto é, tem gente. E malocas. Favela da Ilhota, que na solidão da Restinga tornou-se cinco vezes favela. Acabada a vantagem do comércio camarada da zona, que fiava por semana, e até por quinzena... Acabada a vantagem da patroa compreensiva, que dava roupa velha e restos de comida para a faxineira... Acabada a vantagem dos lavados de roupa... Acabada a vantagem das reformas de vestidos... Acabada a novela ouvida no rádio do vizinho... Acabada a consulta à Santa Casa... Acabada a Feira Livre... Acabada a escola... Acabados os médicos, a farmácia, a Polícia, os bombeiros, os vizinhos... (FAILLACE, Zero Hora, 18 maio. 1967, p. 12-3).

O universo de relações sociais foi fortemente alterado; as estratégias de sobrevivência consolidadas foram perdidas, e novos grupos, distintos, tiveram que se reordenar em um espaço marcado pelas ausências e pela distância.

A água é fornecida de oito em oito dias por carros-tanques, que enchem as pipas públicas e as três ou quatro caixas d’água que existem... Água exposta a todas as contaminações. E quando o carro atrasa mais de quinze dias, eles bebem água da sanga... Em desespero de causa, os moradores tentaram perfurar poços por conta própria... só encontraram barro... A escola fica a mais de três quilômetros de distância e os pequenos que não podem caminhar tanto, perderam o ano... Os grandes perderam os empregos... (FAILLACE, Zero Hora, 18 maio. 1967, p. 12-3).

A população sofria devido à remoção, ao distanciamento do mercado de trabalho e ao estigma vinculado à sua condição social. O processo de remoção foi marcado por forte repressão, dado que o direito de habitar a cidade ocorre pela posse formal da terra, reduzindo o direito à habitação às condições de consumo. Os habitantes das Vilas de Malocas não tinham o direito formal do solo urbano; constituíam-se em ocupações e, portanto, não eram consumidores do mercado imobiliário. A irregularidade foi associada a um desajuste social, constituindo a distância física e o isolamento a solução para não contaminar a sociedade e ressocializar essa população.



As dificuldades fizeram parte da história das pessoas, do pai, da mãe, do homem, da mulher, que passaram a ocupar um espaço rural, a percorrer uma distância muito maior, dependentes de um sistema de transporte oneroso e precário. As representações acerca do maloqueiro foram reprojctadas nas da periferia.

### **A casa, os vizinhos e as estratégias de sobrevivência: a produção do espaço de representação**

O assentamento a partir das remoções constituiu um “mito de origem”, pois representa um fato marcante na história do bairro. Contudo, o acesso à moradia não se limitou ao processo de remoção das Vilas de Malocas; outros mecanismos, como a produção de habitação popular, loteamento irregular e ocupações, constituem a forma pela qual o pobre adquire a tão almejada “casa própria”. É no embate entre a produção do Estado e a autoprodução entre a cidade legal e a ilegal que a multiplicidade de localidades é composta, compondo Restingas dentro da Restinga, reproduzindo distâncias sociais dentro do bairro.

O acesso à casa própria constitui um importante vínculo do morador com o bairro, assim como as dificuldades partilhadas, as relações de vizinhança e as trajetórias de vida que tanto marcam, bem como são marcadas pelo espaço. Tem-se a tensão entre as representações do espaço, em que o mesmo é estigmatizado, e o espaço de representação na produção dos vínculos com o lugar de abrigo.

A aquisição de moradia a partir dos reassentamentos de vilas irregulares, como as vilas de malocas, envolve a produção do espaço como coação e a segregação da população removida: a localização do sujeito na cidade é imposta. Oprimidas, as famílias removidas precisaram adaptar-se à nova realidade e, de opressor, o espaço passou a representar acolhimento.

Para as famílias removidas para a Restinga Velha, o processo de remoção foi pautado por opressão. Nas lembranças dos moradores, é marcada a sua condição de inferioridade frente ao processo, em que o sujeito se percebe pequeno e interioriza essa inferioridade na sua condição, assimilando sua posição na fragmentação da cidade. O sentir-se pequeno é a tomada de consciência da posição que ocupa dentro da sociedade.

*E até que chegaram aqui, então quando entraram, que seguiram aquela avenida, a João Antônio da Silveira, que agora divide a Restinga Nova*



*com a Velha, (...). Aí entraram naquela ruazinha, era só mato, passava batendo nos galhos de árvores em cima do caminhão e nós pequenininho ali no caminhão. (...) então dobraram e largaram nós no meio do campo onde tinha os arbustos, as árvores um pouco mais terrestres, um pouco mais no chão, mais pequenas. Então, largaram nós ali e por ali cada um foi ajeitando ao seu jeitinho, foi fazendo sua cerquinha. Foi uma coisa assim, tipo uma invasão que a prefeitura fez com nós, não foi uma... sabe? Um assentamento, não, isso não tinha, não tinha terreno demarcado, não tinha nada aqui, eles chegaram e largaram, largaram nós por conta ali e a gente foi capinando, cortando as árvores e ajeitando a cerca, então foi assim que foi. E o tempo passando, com o tempo se passando vieram trazendo outras vilas (Entrevista 1, em 02/08/2008).*

O abandono do Estado fortaleceu o sentimento de que os sujeitos são os produtores do espaço, como na construção da casa e na transformação da rua. O marco inicial da produção do espaço foi a atuação do poder público, no âmbito do concebido. As ausências, coações e violência associadas aos reassentamentos fazem parte da história de vida dessas famílias, que construíram suas trajetórias na formação do bairro, misturando sua história à história do lugar. Morador e lugar se confundem e se refletem, reciprocamente, como a água e a pedra, o maloqueiro e a maloca.

Embora o assentamento tenha sido imposto, foram produzidos os vínculos das pessoas com o espaço. Se para a parcela da população que participa do consumo da cidade enquanto mercadoria a habitação adquire *status* de desejo, vinculado a amenidades, como localização, incidência solar e equipamentos como elevador, piscina, entre outros, para o segmento desprovido da condição de consumidor o desejo é fundido à necessidade, e o ato de habitar está para além do consumo; é o progresso social .

A relação entre a ordem distante e próxima na produção do espaço é latente nas falas dos moradores, em que o bairro é transformado. Incorpora-se à ação dos moradores, que modificam a forma em um duplo movimento de melhoria da qualidade de vida e transformação dos significados associados à precariedade. É na vida, no dia a dia, que o espaço é produzido, através da construção de cercas, da ampliação da casa. Esse movimento tem, como importante produto, a constituição de representações alicerçadas no progresso individual, no reconhecimento enquanto comunidade, como morador da Restinga.

*Quando nós viemos pra cá, o DEMHAB<sup>3</sup> deu uma pecinha dessas de emergência, tábuas de compensado rosa. Acho que era 3 x 3 ou 2,5 x 2,5, e foi ali que a gente começou, depois fomos fazendo meia-água, depois fomos fazendo a parte da frente, construindo as dos fundos e assim foi indo. E isso com todas as famílias aqui, né? Porque tudo que o pessoal tem aqui teve que lutar pra construir, não é nada de mão beijada. (...) [sobre a infraestrutura] era a casinha de emergência, o terreno e não tinha nem cerca. A gente foi providenciando arame, taquara, coisas assim, pra fechar, pra não ficar muito aberto, muito desabrigado, por causa do pessoal que a gente não conhecia. (Entrevista 24, moradora do Barro Vermelho, em 29/04/2008).*

A ordem distante prescreve o espaço concebido, nas políticas habitacionais, na remoção das famílias, produzindo novas espacialidades que podem ou não entrar em conflito com as já existentes. A ordem próxima se inscreve a partir das estratégias de regulação, das relações de vizinhança, nos laços socioespaciais.

Em outra situação, o bairro constitui a possibilidade de consumo para a camada popular, com a comercialização de lotes ou a aquisição da moradia popular por projetos habitacionais, ainda atravessado por um contexto de fragilidade social, de instabilidades financeiras – a posse da casa está além de um bem de consumo. Financeiramente, significa redução de gastos e de segurança, mas envolve também o âmbito do afetivo, produto da significação, como lar, como conquista. A condição de opressão acumula-se nas trajetórias dos moradores, até fixarem-se no lugar, fato recorrente nos relatos.

*A gente morava no pátio de um tio nosso, mas depois a minha mãe ganhou essas casinhas aqui no Barro Vermelho, que na época era Elo Perdido. Era além da Restinga Velha; a Restinga Velha era só até um pedaço, pra cá só tinha mato e começaram a fazer casinhas e dar pra essas pessoas. A minha mãe se inscreveu e ganhou. Aí ela saiu do pátio do meu tio e viemos pra cá. (Entrevista 20, , em 12/06/2008).*

Ora, o bairro tem 40 anos e sucessivas gerações que, ao constituírem novos núcleos familiares, revivenciam a dificuldade de aquisição da moradia. Seus vínculos com a Restinga já são afirmados anteriormente à constituição da casa própria. Contudo, sua aquisição é o que liberta o morador da dependência familiar e contínuas migrações, já delimitadas no bairro. O percurso de aquisição da moradia constitui a história de vida dos moradores e a própria produção do espaço.

---

<sup>3</sup> Departamento Municipal de Habitação (Demhab) é o órgão executor da política habitacional em Porto Alegre.



*[sobre a dificuldade para adquirir a casa própria] pra mim foi horrível, eu morei de aluguel, morei na invasão do Asun, lá é o pior lugar, foi horrível. Na época eu vim aqui pra casa da minha prima, aí depois disseram que queriam vender uma casa aqui pra baixo e eu vim pra cá. Eu comprei uma casa pra mim, pro meu marido e pros meus filhos, que é onde eu moro hoje. [sobre o valor] Foi caro, foi R\$ 6.000,00 e eu ainda estou pagando. Aí, hoje eu tenho a minha casinha... (Entrevista 20, em 12/06/2008).*

São trajetórias que explicitam a aquisição da moradia como afirmação individual, pois decorrem de um longo percurso de instabilidades, alicerçando os vínculos do morador com o lugar. A história de vida está entrelaçada ao percurso de migrações entre co-habitar, morar em ocupações e gastos além do orçamento familiar em aluguéis, transformando a possibilidade de aquisição da casa própria o marco de segurança familiar.

A história do bairro é atrelada aos fatos das vidas de seus moradores, para os quais a sua condição de classe é constituída por sucessivos percalços, condições precárias de habitação, a constante possibilidade de despejo e o dispendioso gasto no aluguel.

*[sobre quando foi para o bairro] foi em 1976, logo que me casei. Nós casamos e moramos na Volta do Guerino, no Passo da Areia. Nós morávamos lá, depois fomos morar na Bom Jesus, em casa a meia. Eu morava numa parte e meus primos, na outra. Meus primos se mudaram, foram morar em Alvorada. Daí eu morei nessa parte que desocupou. Na Bom Jesus (...) aí, tinha lá uma empresa que queria desocupar o pessoal daquela planta, a casa que a gente morava não era regularizada, mas a gente pagava aluguel, morava num porão e pagava aluguel. Daí conversa vai, conversa vem, lá no estaleiro aí a gente começou a se juntar. Todo mundo com problema de moradia, daí a gente começou a se juntar. Um tinha feito inscrição no DEMHAB na época. Daí surgiu a possibilidade. Eu fui lá, minha esposa estava grávida do primeiro filho. Daí a gente foi batalhar, para ganhar casa na Restinga tinha que ter político influente, se não, não ganhava (...) (Entrevista 6, em 14/02/2008).*

As possibilidades de aquisição da moradia ocultam o processo de segregação socioespacial, ao mesmo tempo em que revelam que viver e habitar bairros populares são artes da invenção, desde as estratégias de aquisição da moradia até o ideário e práticas de melhoria, frequentemente percebidos como “progresso”.





As trajetórias se sucedem no espaço-tempo, sobrepondo-se às velhas, novas histórias e novos moradores. A transformação do espaço e a comercialização dos lotes atraem novos moradores que, delimitados pelo solo enquanto valor de troca, encontram sua possibilidade de uso na Restinga, constituindo uma segregação oculta no mecanismo de mercado.

Dentre os mecanismos de acesso à moradia no bairro, destacam-se as ocupações. Nesses casos, ocupar ou comprar um lote em ocupações é a possibilidade de sobrevivência. As trajetórias de migrações e instabilidades marcam as pessoas, retirando delas o sentimento de dignidade, constituindo no habitar a “base da formação do sentido da vida (...)” (CARLOS, 2001, p. 220). Os relatos que envolvem a conquista da moradia são intensos, e sua aquisição representa a possibilidade de uma vida melhor.

*Não, eu saí de lá e fui morar com um irmão meu no Menino Deus, depois que eu me separei dele. Depois do Menino Deus ele chegou pra mim e disse: Eu te dei pra morar por uns tempos e não pra morar pra vida inteira. Aí eu fiquei ofendida com aquilo ali, fazia três anos e meio que eu morava ali e fui embora. Aí eu disse pra uma amiga: Não tem uma casa pra me emprestar pra eu morar até... Eu não quero mais ficar aqui. E era lá no Teresópolis. Ela disse: tem uma peça lá, podia ter botado tu lá, recém foram os caseiros pra lá. Eu te dou. Aí nós fomos pra lá, depois eu vim para a Costa Gama e fizemos duas peças no terreno do meu irmão, ali na casa dele. Aí eu não queria mais ficar ali, daí eu soube que invadiram aqui. Eu queria... Mas tu não mora lá porque é muito tiro, muita bala, muita coisa. [simulando fala do irmão para ela]. (...) Aí eu não tinha mais onde morar, eu não tinha mais casa, não tinha mais emprego, não tinha mais nada. Eu tinha umas máquinas que eu emprestei pra minha irmã, daí ela me... Acho que tinha malha junto, tinha moldes que fazia pra ganhar um dinheirinho. Aí eu emprestei minhas máquinas pra ela e ela me deu R\$ 1.000,00 pra mim dá entrada nessa casinha que era uma casinha bem pequenina, daí eu vim pra cá. (Entrevista 13, em 28/03/2008).*

Habitar não é uma simples mercadoria a ser consumida, mas uma conquista de dignidade. Residir em ocupações remete os moradores a elementos que degradam a condição humana, ancorando a representação do espaço em aspectos de insalubridade e do não reconhecimento do direito de uso. Contudo, é o início da caminhada em busca do progresso que se estende da casa para a rua, da relação privada e pública. Tem-se um percurso de luta pela casa própria, histórias, embates, os quais contribuem para a consolidação dos laços espaciais e na apropriação do lugar, o qual é produzido e significado pelos moradores.

*Aí o meu irmão e esse cara, nós pegamos o terreno e começamos a limpar aqui, nós limpamos daqui até a casa da dona [Fulana] e foi com enxada e facão e aí precisava dormir aqui pra cuidar o material... (...) e garantir o lugar, então eu fazia assim, eu dormia aqui até a ameaça de pontada, quando eu ficava com ameaça de pontada eu voltava a dormir lá na casa da minha mãe, aí eu me recuperava da ameaça de pontada e voltava aqui, voltava a ter ameaça de pontada e vamos pra lá. (...) Valeu, valeu a pena, hoje tenho uma casa que é minha, coisa que muito amigo meu não tem, não consegui, tem uma coisa que é minha, um cantinho pra cuidar dos filhos (...). Então é minha casa, pode não ser das melhores, das mais maravilhosas do mundo, mas é onde a gente consegue viver e sobreviver por enquanto, né? (Entrevista 14, em 16/06/2008).*

Com o espaço, estabelecem-se relações afetivas de pertencimento, pois o lugar é significado a partir das lutas e como possibilidade de reprodução da vida. Nesse contexto, o valor de troca é pouco relevante, embora não descartado, em comparação ao valor de uso, pois ao espaço são agregados valores referentes às histórias, alegrias e tristezas vividas por seus moradores. O habitar constitui “o mundo da percepção sensível, carregado de significados afetivos ou representações, que por superarem o instante, são capazes de traduzir significados profundos sobre o modo como essas se constituíram (...)” (CARLOS, 2001, p. 219).

A significação da existência das pessoas ocorre no imbricamento de suas trajetórias e da produção do espaço. É a partir da casa, onde a pessoa tem a própria individualidade, e da rua que a existência se amplia, alcançando o reconhecimento social, em que bairro e moradores serão consolidados em representações. Mesmo reconhecendo a condição de lugar pobre, eleva-o à condição de dignidade, alicerçada no progresso pessoal e na inserção, através do trabalho, à sociedade normatizada.

Paralelo ao movimento em que pessoa e lugar se misturam, tem-se a representação do bairro que transborda, adquirindo identidade própria, como nas diversas definições dadas ao bairro: “*A Restinga está fazendo a sua história...*” (Entrevista 3, em 14/03/2008); “*Eu digo que aqui, que a Restinga é um pequeno Brasil, tem tudo que é classe* (Entrevista 10, em 04/08/2008); “*Restinga é uma panela de pressão, não interessa se tu diz Restinga Nova ou se diz Restinga Velha (...)*” (Entrevista 31, em 26/06/2008).

É o espaço de afirmação, o qual, embora permeado por dificuldades, é o lugar de construção da vida, onde o morador encontra o seu valor. Constituir-se como proprietário de um imóvel é a promoção social, permitindo a reprodução social, como

explicitado na casa enquanto finalidade, onde o morador criou seus filhos: “(...) *porque eu sou um cara revoltado comigo mesmo, passei muita fome, frio, como te disse, pedi esmola muitas vezes (...) eu terminei de criar meus filhos nessa casa aqui...*” (Entrevista 5, em 11/08/2008). É o espaço vivido, é emocional, abstrato, o qual contém lembranças, alegrias, tristezas, mas, acima de tudo, é a história da pessoa. Espaço coletivo e história individual se misturam. É a dimensão de possibilidade da reprodução. “A significância marcada pelo lugar onde se desenvolveu uma parte significativa da vida cria os símbolos do reconhecimento: a vida não se realiza suspensa no ar, mas enraizada em um lugar” (CARLOS, 2001, p. 232). É na trajetória de vida que o pertencimento ao lugar é construído.

A vida do morador da Restinga se inscreve no espaço e o espaço se inscreve na vida, tanto que o morador não dissocia a história do bairro com a sua: “*Falar sobre mim ou sobre a vila? A minha história é aqui dentro*” (Entrevista 11, em 02/04/2008). A história das pessoas se desenvolve no lugar, na rua, na casa, nas relações de vizinhança, na ordem próxima. O espaço e os vínculos formam-se em uma ação conjunta, em que as práticas espaciais e os laços sociais são essenciais para uma experimentação menos individualista.

Os lugares são significados nas práticas espaciais, na constituição das redes de relações. “*Na minha praça a gente brincava muito, os meus amigos, a gente era muito unido (...) brincava de bolita, polícia e ladrão e na minha praça tava sempre muito lotada*” (Entrevista 9, em 28/05/2008). A vida é “lugarizada” na praça, no local, fazendo parte da constituição da pessoa, através de apropriações afetivas do espaço.

A ordem próxima, as relações de vizinhança em um contexto de ausências, em uma sociedade pautada no consumo, em que o reconhecimento ocorre pelo ter e as relações sociais são mediadas pelo capital econômico e simbólico, o reconhecimento do outro se torna imprescindível. Os estigmas acerca do bairro tornam o morador invisível ou indesejado, e é no reconhecimento dos seus valores de cidadão, de trabalhador, que sua existência é significada.

*Eu vivo lá no meu canto, vivo lá na minha casa e todo mundo na Restinga me conhece. Hoje tem crianças que estão dançando comigo que a mãe vai lá e diz: eu dancei contigo, agora minha filha está dançando contigo. Foi muito tempo e era isso, na época, pra mim na Restinga era importante que as pessoas me reconhecessem (Entrevista 11, em 02/04/2008).*

Há um encaixe entre sujeito e lugar, em um pertencimento recíproco e indissociável; da casa para a rua, o morador constitui os laços afetivos com o bairro. “(...) *eu te falei sobre vender, mas eu não vou vender, porque eu tomei isso aqui como... é o meu lar, não só o meu lar, é onde eu tenho que viver, é a minha vila*” (Entrevista 14, em 16/06/2008). De um lado, há o enquadramento simbólico, que identifica as pessoas com classes sociais e classes sociais com determinados espaços. Contudo, nesses espaços, contrariamente a uma ordem individualista que retém as pessoas aos seus espaços privados, ou públicos, quando de consumo, a valorização da pessoa ocorre pelas relações de proximidade, com histórias compartilhadas, consolidado o imaginário acerca do “Restingueiro”<sup>4</sup>.

*É como eu te disse, eu gosto da Restinga, é um lugar que provavelmente eu vou morar pra sempre, não sei se meus filhos vão ter o mesmo gosto que eu, porque eu adoro, não pela Restinga, mas pelo povo, porque sair domingo daqui, a minha esposa não gosta que eu saia, nem domingo, nem sábado, porque é o dia de encontrar as pessoas na rua, então se eu saio pra levar dez minutos, eu levo duas horas. (Entrevista 14, em 16/06/2008).*

O lugar do pobre é a produção da alteridade, vinculando simultaneamente espaço e classe. No entanto, o local de produção da moradia, de estabelecimento de vínculos de solidariedade, que significa o morador, precisa ser valorado afirmativamente. O resultado dessa contradição é a construção não do espaço das precariedades, mas de onde o pobre vive ao seu jeito, reconfigurando o imaginário da Restinga.

A distância entre o espaço vivido e o concebido é marcada pelas diferentes formas de pensá-lo. Caos e ordem, feio e belo, nobre e marginal são dicotomias presentes em escalas de valores, incidindo sobre os lugares e balizando suas representações. Contudo, as simplificações ocultam as estratégias de habitação, que, para um modo de pensar o espaço de forma racional e asséptico, a urbanização é ordenamento e os bairros pobres são imagens do caos, de viveres remetidos a valores não civilizados. A estética da precariedade habitacional está para além de sua redução à condição de lugar feio.

---

<sup>4</sup> Auto-definição dos moradores do bairro.



### **Para seguir pensando**

A produção do espaço é atravessada por estratégias de classe que prescrevem as transformações da cidade, como o foi com a constituição do bairro. As vilas de malocas em Porto Alegre compunham materialidades e modos de vida dissonantes com a cidade moderna e asséptica almejada, sendo melhor oculta-los do que deixa-los visíveis nas proximidades do centro. Dessa forma, as vilas e seus moradores foram identificados como promíscuos e insalubres, podendo “contaminar” o restante da população. A constituição desse imaginário legitimou o processo de remoção, dando origem ao bairro Restinga e às suas representações.

De Vila de Malocas passou a periferia, ainda lugar do pobre, das ausências, do feio, do insalubre, das promiscuidades. Essa transformação ocorreu tendo como base os estigmas já existentes, adquirindo nuances, roupagens diferentes, mas sem alterar significativamente o conteúdo de cunho preconceituoso: a Restinga é identificada hoje como lugar de bandidos, ladrões e traficantes, reduzindo toda a diversidade (trabalhadores, artistas, artesãos, etc.) do bairro a características que não são exclusivas desse espaço. Contudo, age-se mais a partir das representações constituídas sobre o espaço do que da sua pluralidade. Nesse sentido, é importante constituir entendimentos dos lugares que não reduzam suas complexidades a categorias estruturadas, assim como buscar identificar as intencionalidades ocultas tanto na produção do espaço, quanto das representações.

As possibilidades de aquisição da moradia constituem um processo de segregação velada, pois oculta-se na capacidade de consumo das pessoas. Contudo, o bairro é ressignificado positivamente a partir do acesso à moradia e da constituição das relações de proximidade/vizinhança. É no cotidiano, na vivência dos lugares, nas estratégias de sobrevivência, na produção da própria existência que as escritas do espaço são constituídas, transformadas e reelaboradas. Sendo assim, tem-se, no bairro Restinga, múltiplos movimentos: ora o espaço vivido é transformado – o Estado altera/normatiza as estratégias locais (como na urbanização de uma área de ocupação) –, ora o espaço concebido é transformado – como quando o morador altera a casa, pinta, amplia.





Evidencia-se que a produção do espaço é intencional e não está cristalizada em formas-conteúdos, mas é continuamente transformada, desde as ações mais comuns e cotidianas de apropriação e significação até as ações do Estado, transformações econômicas e tecnológicas vinculadas à macro-escala. O bairro novamente é palco de transformações. Estão previstos para a Restinga um Centro Federal de Educação Tecnológica (Cefet) e um hospital, reivindicações antigas da população. Percebe-se, portanto, a relação entre as distintas ordens: o local gerando demandas, as transformações alterando o espaço e, possivelmente, a transformação dos significados e estratégias locais. É o contínuo movimento das múltiplas escritas que marcam/transformam o espaço, ora sobrepondo-se, ora mesclando e constituindo outras escritas. Dessa forma, é fundamental que se compreenda a produção do espaço na relação entre as distintas ordens, próxima e distante, de tal forma que não se reproduzam preconceitos

## Referências

BONDUKI, Raquel; BONDUKI, Nabil. Periferia da grande São Paulo. Reprodução do espaço como expediente de reprodução da força de trabalho. In: MARICATO, Ermínia (Org.). **A produção capitalista da casa (e da cidade) no Brasil industrial**. 2. ed. São Paulo, 1982. p.177-154.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 6 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

CARDOSO, Cristiane. **Do espaço concebido ao espaço vivido**: um estudo de caso sobre as representações espaciais e identidades na Favela da Maré, RJ. 2006, 208 f. Tese (doutorado em geografia). Universidade Federal Fluminense, Centro de Estudos Gerais, Departamento de Geografia, Niterói-RJ, 2006. Disponível em: <<http://www.qprocura.com.br/dp/56789/Do-espaco-concebido-ao-espaco-vivido:-um-estudo-de-caso-sobre-as-representacoes-espaciais-e-identidades-na-favela-da-Mare--RJ.html>> Acesso em: 15 out. 2008.

CARLOS, Ana Fani Alessandrini. **Espaço-tempo na metrópole**: a fragmentação da vida cotidiana. São Paulo: Contexto, 2001.

DURHAM, Eunice Ribeiro. A sociedade vista da periferia. **Revista Brasileira de Ciências Sociais da Associação Nacional de Pós-graduação**, São Paulo, v.1, n.1, p.84-99, 1986.

FAILLACE, Tânia Jamardo **Zero Hora**, Porto Alegre, ano 4, n.920, 18/05/1967, p12-13.



GAMALHO, Nola Patrícia Gamalho. Das representações do espaço ao espaço de representação: a produção da Restinga- Porto Alegre/RS. Dissertação (mestrado em geografia) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Geociências, Departamento de Geografia, Porto Alegre – RS, 2009.

GOMES, Paulo César da Costa. **A condição urbana**: ensaios de geopolítica da cidade. 2 ed. São Paulo: Bertrand Brasil, 2006.

HEIDRICH, Álvaro Luiz. Territorialidades de exclusão e inclusão social. In.: REGO, Nelson; MOLL, Jaqueline; AIGNER, Carlos (Orgs.). **Saberes e práticas na construção de sujeitos e espaços sociais**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

\_\_\_\_\_. **La producion de l'espace**. 4. ed. Paris: Anthropos, 2000.

\_\_\_\_\_. **O direito à cidade**. 4.ed. São Paulo: Centauro, 2006.

MEDEIROS, Laudelino T. **Vilas de malocas**: ensaio de sociologia urbana. Porto Alegre, 1951. Manuscrito.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

PORTO ALEGRE. Prefeitura Municipal. Departamento Municipal de Habitação. **Malocas**: diagnóstico evolutivo das subabitações no município de Porto Alegre, RS. Porto Alegre: Demhab, 1973.

Recebido para publicação em janeiro de 2010

Aprovado para publicação em março de 2010